

(The Sanctuary and Its Cleansing)  
**O Santuário e Sua Purificação**

Ángel Manuel Rodríguez

Suplemento à *Adventist Review*

DANIEL 8,9

*The*  
**SANCTUARY**  
*and Its Cleansing*



By Angel Manuel Rodríguez

---

**Introdução**

***De todas as profecias da Bíblia, as que se centralizam em Daniel 8 e 9 são as mais críticas para os Adventistas do Sétimo Dia. Aqui encontramos os 2300 dias, o santuário e sua purificação. Essas profecias concentraram a mensagem de***

***William Miller e dos pioneiros de nosso movimento, e elas ainda são vitais para a compreensão dos nossos tempos. Neste suplemento especial à Adventist Review, o Dr. Ángel Rodríguez, um diretor associado do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral, examina estes capítulos à luz do estudo Adventista intensivo durante os últimos 15 anos.***

*Um segundo suplemento, de autoria do editor da Review William G. Johnsson, exporá Apocalipse 12-14, e será incluído em nossa edição de novembro de 1994 da Divisão Norte Americana.*

---

O mapa político do antigo Oriente Próximo estava prestes a entrar em um processo de significativa mudança. O ano era 550 A.C., e Astíages, rei da Média, e Ciro, da Pérsia, estavam envolvidos em uma guerra de sobrevivência. Infelizmente para Astíages, seu exército foi derrotado, e Ciro assumiu o controle sobre o Reino de Média. Um novo império estava nascendo. Ciro passou três anos estabelecendo controle sobre as terras que ele tirou dos Medos. Então, em 547 A.C., ele rumou para o oeste para conquistar a Lídia.[1] O futuro império estava crescendo, estendendo seus tentáculos de poder, engolfando outras nações em suas guerras expansionistas.

Em 547 A.C. Daniel teve a visão registrada no capítulo 8 de seu livro.[2] Na visão, ele foi transportado de Babilônia para a cidade Persa de Susã. Esta experiência visionária já era um sinal da mudança radical que a terra experimentaria através do colapso do Império Babilônico e da ascensão do Medo-Persa. A informação registrada no restante do capítulo não foi o resultado da criatividade de Daniel. A visão, diz ele, foi mostrada a ele (veja o verso 1). Ele era simplesmente o receptor de uma revelação divina que cobriria um grande período de tempo desde os dias do profeta até o “futuro distante” (verso 26).

## **I. A Visão de Daniel 8**

### **A. O Carneiro e o Bode**

Na visão, Daniel encontrava-se “junto do canal de Ulai,” próximo de Susã, onde viu um carneiro com dois chifres longos, um maior que o outro. O carneiro “avançava para o oeste, para o norte e para o sul,” e ninguém foi capaz de ficar diante dele. Ele fazia o que lhe agradava e tornou-se grande. O anjo informou Daniel que o carneiro representava o Império Medo-Persa (verso 20). Quando Daniel teve a visão, o carneiro já estava arremetendo-se contra a Lídia no ocidente.

Em seguida, o profeta viu um bode vindo do ocidente em uma tal velocidade que dava a impressão de voar (verso 5). Ele tinha um grande chifre entre os olhos. Este animal representava o reino da Grécia; o chifre era Alexandre o Grande (veja verso 21). Alexandre levou aproximadamente quatro anos (334-331 A.C.) para destruir o Império Medo-Persa. Mas Alexandre morreu jovem, “no auge da sua força” (verso 8, NVI), deixando o império sem um sucessor capaz. Como resultado, o império foi enfraquecido a partir de dentro e, finalmente, se dividiu em quatro partes – Macedônia, Ásia Menor, Síria e Egito.

Se compararmos esta seção da visão com Daniel 7, notamos que Daniel 8 não tem símbolo para a Babilônia. Por que? Possivelmente porque da perspectiva de Deus Babilônia já estava passando e um novo império mundial estava tomando o seu lugar. Um historiador afirmou que “estrategicamente a conquista de Babilônia por Ciro começou com a campanha contra a Lídia

[547 A.C.].”<sup>[3]</sup> Outra razão, talvez mais importante, diz respeito ao elemento de tempo profético mencionado em Daniel 8:14. Abordaremos isso mais tarde.

Separado da ausência de Babilônia, o paralelismo entre Daniel 7 e 8 é claro. O urso/carneiro representa a Medo-Pérsia; o leopardo/carneiro, a Grécia; as quatro cabeças do leopardo/quatro chifres do carneiro, as divisões do Império Grego.

## **B. O Chifre Pequeno**

### **1. Origem do Chifre Pequeno**

Os estudantes da Bíblia têm encontrado dificuldade para estabelecer a origem do chifre pequeno apresentado em Daniel 8:9. O principal problema tem que ver com a conexão entre a última parte do verso 8 e a primeira parte do verso 9. Descrevendo a divisão do Império Grego, Daniel diz: “E em seu lugar cresceram quatro chifres enormes, na direção dos quatro ventos do céu” (NIV). Em seguida, o pequeno chifre é introduzido: “Saiu de um deles um pequeno chifre” (NVI). A pergunta é: A que a frase “de um deles” está se referindo? Está se referindo aos chifres anteriores ou aos ventos da terra?

No Hebraico, os substantivos e os pronomes têm gênero; eles são masculinos ou femininos. Se o gênero de um substantivo é feminino, um pronome que se refere a ele deve ser feminino. Esta regra simples ajuda-nos a identificar o lugar de origem do chifre pequeno. Os gêneros dos substantivos e pronomes em Daniel 8:8 e 9 são os seguintes: “... quatro [chifres] [feminino]... quatro ventos [feminino] do céu [plural, masculino].” “Saiu de um [feminino] deles [masculino]...” Quando olhamos atentamente para a concordância de gênero, encontramos apenas uma opção. O pronome “eles” não pode referir-se a “chifres,” porque “chifres” é feminino e “eles” é “masculino.” “Eles” pode referir-se apenas a “céu,” que é plural em Hebraico e masculino no gênero. O numeral “um” deve referir-se a “ventos” porque ambos são femininos. Podemos, então, parafrasear o verso 9 da seguinte forma: De um [dos ventos] deles [os céus] veio um chifre. [4]

O chifre pequeno não saiu de nenhum dos chifres Gregos, mas de um dos pontos cardeais. Assim, indicou-se que o chifre era um poder novo, não uma consequência de um dos quatro chifres mencionados anteriormente.

### **2. Obra do Chifre Pequeno**

A descrição da obra e das atividades do chifre pequeno fornecido por Daniel nos ajuda a definir sua natureza. O texto Hebraico chama este chifre de “um chifre de insignificância/pequenez,” sugerindo que ele “surgiu de um pequeno começo e se desenvolveu em várias direções, ganhando imensa força.”<sup>[5]</sup>

#### **a. Expansão Horizontal**

Daniel usa vários verbos para descrever as atividades do chifre pequeno. Possivelmente a mais importante seja “tornar-se grande” (Hebrew gadal, “crescer, ser grande”), e no verso 9 ele descreve as conquistas militares e políticas do chifre pequeno. O chifre cresceu através de expansão militar. O mesmo verbo é usado para descrever a expansão militar do carneiro (verso 4) e do bode (verso 8). Este verbo usado por Daniel para descrever o poder militar dos impérios mundiais sugere que o chifre pequeno é outro império.

Como a Medo-Pérsia e a Grécia, o chifre pequeno cresceu ou se tornou grande conquistando outras nações. Estendeu-se para o sul, leste, e à terra de Israel, chamado por Daniel de “a Terra

Magnífica” (NVI) ou “o ornamento” (cf. Dn 11:16). Esta expansão horizontal marcou a primeira etapa do crescimento do chifre pequeno e foi fundamentalmente militar e política em natureza.[6]

### **b. Expansão Vertical**

O verso 10 introduz o segundo estágio de crescimento do chifre pequeno e novamente encontramos o verbo “crescer/tornar-se grande.” Agora o chifre estende-se para cima, em direção à hoste celestial. Um novo desenvolvimento está ocorrendo aqui. O chifre pequeno está fazendo algo que nenhum dos outros impérios mencionados em Daniel 8 tinha feito. A expansão militar desses outros poderes foi limitada exclusivamente ao plano horizontal.

O chifre pequeno passou por uma mudança radical em sua busca por poder. Sua natureza foi transmutada de um poder militar e político para um religioso. Ele assume sua batalha pelo poder em um novo nível, ou seja, o celestial. Este poder tenta alcançar o que Lúcifer tinha aspirado (Is 14:12-14). Como Lúcifer, e em contraste com os dois reinos anteriores, o chifre pequeno parece sentir que tem o direito e a liberdade para estender o seu controle político e religioso aos próprios céus, à habitação de Deus.

Devemos observar que, por causa da dupla expansão do chifre pequeno, Daniel 8:9-14 mistura dois tipos diferentes de imagens e linguagem. Encontramos linguagem militar e imagens combinadas com linguagem e conceitos usados nos serviços do santuário, quando o profeta tenta descrever para nós a obra e a verdadeira natureza deste poder. O chifre pequeno tornou-se um poder político e religioso lançando um ataque militar contra o próprio centro do universo, o santuário celestial.

Vemos a expansão vertical do chifre pequeno nos seguintes detalhes:

**(1) O Chifre Pequeno e a Hoste Celestial.** Assim que o chifre pequeno se virou para cima teve que confrontar os exércitos do Senhor, chamado por Daniel de hoste celestial (verso 10). Esta frase é usada no Velho Testamento de diferentes maneiras. O substantivo “hoste” designa “tropas, um exército” (veja Dt 20:9; 1Rs 2:5; Sl 44:9; 60:10). Em alguns casos ele é empregado em conexão com o santuário e o trabalho da guarda Levítica (Nm 4:3, 23, 30). Quando usado em ligação com Deus (exércitos do Senhor), ele pode designar o povo de Israel como um exército (Êx 6:26; 7:4). Em outras passagens “a hoste do céu” são os anjos de Deus (1Rs 22:19, NIV; Sl 103:19-21). O líder da hoste é o Príncipe dos exércitos celestiais (Js 5:14), que são servos do Senhor (Sl 103:21).

Em Daniel a hoste e as estrelas do céu (Dn 8:10) se referem particularmente aos santos como o objeto do ataque do chifre pequeno (verso 24). Eles fazem parte do exército de Deus. O chifre pequeno é capaz de derrubar alguns da hoste e estrelas, o que sugere que sua vitória não é absoluta. O verbo “atirar/derrubar” tem aqui a conotação da derrota militar de alguém. O chifre pequeno até mesmo “pisoteou” a hoste. O verbo “pisotear” enfatiza ainda mais as ideias de derrota (cf. Is 41:25), humilhação e impotência (cf. Is 28:3; 26:5, 6). A hoste é incapaz de superar o chifre pequeno (cf. Dn 8:7).

“Hoste” combina conceitos militares e religiosos porque designa o exército do Senhor. O chifre pequeno está em guerra contra o próprio Deus, mas sua vitória é parcial.

**(2) O Chifre Pequeno e o Príncipe.** O chifre pequeno se move para cima em dois estágios. No primeiro, ataca a hoste celestial, mas no segundo movimento torna-se grande contra o Príncipe da hoste (verso 11). Este Príncipe é mencionado em Josué 5:14. Ele é um ser celestial encarregado dos exércitos celestiais. Josué também foi um comandante encarregado do exército celestial de Deus na terra. Ambos os exércitos trabalharam juntos para derrotar Jericó. Em

Daniel o termo Príncipe é usado para se referir ao Messias, chamado Miguel o Príncipe em Daniel 10:13, 21; 12:1 (cf. 9:25). Esta Pessoa tem funções reais e sacerdotais.

**(a) A Obra do Príncipe:** D Daniel 8:11 mostra que o Príncipe está encarregado “do contínuo,” chamado em Hebraico de *tamid*. Este termo é usado com bastante frequência nos serviços do Santuário do Velho Testamento. Os sacerdotes foram ordenados pelo Senhor para realizar certas atividades no santuário continuamente. Por exemplo, eles deviam manter as lâmpadas queimando continuamente (Êx 27:20), o incenso devia ser queimado continuamente (Êx 30:8), o fogo sobre o altar devia queimar continuamente (Lv 6:13), e uma oferta queimada devia estar no altar continuamente (Êx 29:42). O termo *tamid*, ou “contínuo,” resume de forma precisa o trabalho diário dos sacerdotes no lugar santo ao longo do ano. Essa palavra nunca é associada à obra do sumo sacerdote no Lugar Santíssimo durante o Dia da Expição.

Na visão, Daniel viu o Príncipe celestial no santuário celestial realizando os serviços diários. Ele era um ministério de mediação e intercessão em favor de Seu povo, tipificado pela obra dos sacerdotes Levíticos no lugar sagrado do santuário terrestre. Este Príncipe é, portanto, o sumo sacerdote mencionado em Hebreus 8:1, 2 que está oficiando “no santuário, o verdadeiro tabernáculo erigido” pelo Senhor, “não pelo homem” (verso 2, NIV); e que “vive sempre para interceder” por nós (Hb 7:25, NIV; cf. Rm 8:34; 1Tm 2:5). Por meio de Sua encarnação, morte sacrificial, ressurreição e ascensão, Ele foi qualificado para ministrar como sumo sacerdote no templo celestial (Hb 4:14-5:10; 9:11, 12).

**(b) Removendo o Diário:** Notamos que o chifre pequeno não é capaz de derrotar ou matar o Príncipe. Ele só removeu o contínuo/*tamid* Dele. Ele atribuiu a si mesmo o que era a obra exclusiva do Príncipe no santuário celestial. Este é o significado da frase “e dele [do Príncipe] foi tomado o contínuo.”

O verbo Hebraico traduzido como “tomar” (*rûm*) tem uma variedade de significados (“ser alto, erguer-se, exaltar, ser removido, levantar-se”). A forma verbal usada em Daniel 8:11 significa “ser removido, ser exaltado” e é usada nos serviços do santuário para designar a ação de remover das vítimas sacrificiais a porção que ia para o altar (para exemplo, veja Lv 4:8, 10).

O significado do verbo em Daniel pode ser mais definido pela preposição usada com ele. O contínuo é removido “de.” Sempre que o verbo *rûm* é acompanhado por essa preposição, sempre expressa a ideia de separação. Algo é removido de alguém ou coisa assim (para exemplo, veja Êx 29:27; Lv 4:10; 1Sm 2:8; Sl 113:7; Is 57:14). Às vezes, removendo, ou separando, alguém de outros resulta em exaltação (para exemplo, veja 1Rs 14:7; Sl 113:7, 8), mas a ideia fundamental do verbo continua a ser a de “remoção de.” Somente o contexto indicará se a ideia de exaltação também está presente.

O chifre pequeno removeu o contínuo do Príncipe por usurpar Sua obra sacerdotal. Ao atribuir a si mesmo a obra do Príncipe, o chifre pequeno torna a mediação do Príncipe ineficaz para aqueles que apóiam suas aspirações políticas e religiosas.

**(c) Destruindo o Lugar do Santuário:**

Em seguida, o chifre pequeno “lança por terra o lugar de seu [do Príncipe] santuário” (Dn 8:11). A expressão verbal “lançar por terra” (*shalak*) foi usado no verso 7

para descrever a vitória do bode sobre o carneiro. Um sinônimo foi empregado no verso 10 para indicar a derrota da hoste contra o chifre pequeno. Quando um inimigo ou um exército é lançado por terra, isso significa claramente derrota. Mas aqui em Daniel 8:11, o que é lançado

por terra não é uma pessoa, mas o lugar do santuário. Pode-se argumentar que, neste caso, o verbo significa algo como “destruir, arruinar” (cf. 2Rs 23:12; Ez 5:4; Am 8:3; Êx 32:19). Significaria então que o chifre pequeno arruinou o lugar do santuário onde o Príncipe estava oficiando. Esta pode ser a interpretação, mas parece haver uma melhor.

O verbo Hebraico *shalak*, “jogar, lançar” é usado nesta língua de forma semelhante ao equivalente em Português. Em ambas as línguas o verbo “jogar, lançar” muitas vezes usa uma preposição. Algo é lançado “para o chão” (Dn 8:7, RSV), “atrás de suas costas” (1Rs 14:9, RSV), de algum lugar (2Rs 14:20), em algum lugar (Am 8:3), “sobre” alguém (2Sm 11:21, NVI), “fora dos portões” (Jr 22:19, NIV), etc. O significado do verbo é um pouco afetado pela preposição que usa.

Em Daniel 8:11 o verbo *shalak*, “jogar, lançar,” não é acompanhado por uma preposição ou um advérbio – ele permanece só. O texto simplesmente lê: “o lugar do santuário foi lançado/jogado.” A tradução ao Português não faz sentido a menos que um advérbio seja adicionado a ele. Várias traduções lêem: “Lançar/jogar para baixo.” O advérbio “para baixo” não está no original. Daniel 8:11 não é a única passagem no Velho Testamento, onde este verbo permanece só sem uma preposição ou um advérbio ser adicionado a ele. Nessas outras passagens o verbo “jogar/lançar” é usado para expressar a ideia de rejeição, abandono. Por exemplo, soldados desesperados tentando escapar do inimigo tinham “jogado” (abandonado) seus equipamentos (2Rs 7:15, RSV); uma oliveira lança (descarta, rejeita) suas flores (Jó 15:33); os Israelitas não jogam (abandonam, rejeitam) seus ídolos (Ez 20:8; cf. Is 2:20); o estrangeiro morto será jogado (abandonado), isto é, eles não serão enterrados (Is 34:3; cf. Jr 36:30); o salmista ora: “Não me lancem [rejeitar, abandonar]... quando estou velho” (Sl 71:9, NIV). Estes exemplos mostram que o verbo “lançar” pode ser um sinônimo de tais verbos como “rejeitar, desamparar, abandonar.”

Em Daniel 8:11, o chifre pequeno estava para lançar, ou jogar, no sentido de rejeitar, abandonar, ou desamparar, “o lugar” do santuário (NIV). A palavra Hebraica traduzida como “lugar” é usada no Velho Testamento para designar a habitação de Deus, isto é, o santuário celestial (1Rs 8:39, 43), bem como o santuário terrestre (verso 13). Ela também pode se referir a um alicerce literal (Ed 2:68; 3:3) ou alicerce metafórico (Sl 89:14; 97:2). Daniel 8:11 é a única passagem no Velho Testamento, onde encontramos a frase “lugar de seu santuário” (NIV). “Lugar” pode muito bem significar aqui “alicerce” em um sentido metafórico; isto é, poderia estar se referindo à própria essência e propósito do santuário. Este uso seria semelhante ao que encontramos no Salmo 89:14, onde “alicerces do teu [de Deus] trono” (VNI) não é literal, mas metafórico, isto é, “retidão e justiça” (NVI), designando os princípios fundamentais sobre os quais se estabelece o trono de Deus.

Uma leitura cuidadosa de Daniel 8:11 sugere que há uma estreita ligação entre a retirada do contínuo e o ato de jogar (afastar) o lugar do santuário. O próprio propósito do santuário está diretamente relacionado à obra do Príncipe messiânico, isto é, Sua obra de mediação, intercessão e perdão dos pecados. Ao apropriar-se inadequadamente do ministério contínuo do Príncipe, o chifre pequeno, na verdade, rejeita a própria razão fundamental da existência do santuário celestial como um centro de mediação e perdão.

**(d) Uma Hoste Sobre o Diário:** Outra atividade do chifre pequeno é descrita no verso 12: “E uma hoste foi dada sobre o contínuo em transgressão/rebelião.” O hebraico é um pouco difícil, mas “a tradução mais plausível... é ‘assim, um exército será colocado sobre o diário... em um ato de rebelião.’”<sup>[7]</sup> O verbo “dar” (*nathan*) quando usado com a preposição “sobre”

(*chamar*) significa muitas vezes “nomear alguém mais, estabelecer” (cf. Dan. 11:21).<sup>[8]</sup> O que o texto parece estar dizendo é que uma vez que o chifre pequeno apropriou-se do contínuo, ele imediatamente nomeou uma hoste ou exército sobre ele para controlá-lo ou para ministrá-lo.

A frase Hebraica “em transgressão/rebelião” é difícil de traduzir. A NIV a traduz “por causa da rebelião,” sugerindo que o que aconteceu com o contínuo e o santuário foi o resultado da rebelião do povo de Deus – que Deus estava punindo-os. Mas este ponto de vista não parece estar correto porque o livro de Daniel nunca considera a perseguição e o sofrimento dos santos ser uma punição para seus próprios pecados.<sup>[9]</sup> Eles, como Daniel e seus companheiros, são perseguidos por causa de sua lealdade inabalável a Deus. Esta transgressão ou rebelião “certamente é a ofensa do chifre pequeno.”<sup>[10]</sup> Podemos, então, traduzir a frase Hebraica como “no curso da transgressão” ou “em um ato de rebelião.”

Daniel está nos informando que a atividade do chifre pequeno contra o contínuo e o santuário celestial é, em essência, uma manifestação de um espírito de rebelião contra Deus. Sua obra pode ser definida por uma única palavra – “rebelião” (Hebraico, *peshac*). *Peshac* é um dos termos mais fortes para o pecado usado no Velho Testamento porque designa o pecado como um ataque contra a soberania de Deus. A pessoa “que comete um *peshac* não simplesmente se rebela contra Yahweh ou levanta-se contra Ele, mas rompe com Ele, toma o que é Seu, rouba-O, defrauda-O, coloca suas mãos sobre o que pertence a Ele.”<sup>[11]</sup> Esta compreensão do termo *peshac* descreve de uma maneira precisa a atividade do chifre pequeno.

(e) **Lançar a Verdade Por Terra:** Finalmente, o chifre pequeno lança a verdade por terra. O verbo “lançar/atirar” é usado mais uma vez pelo profeta, mas desta vez é seguido por uma frase indicando a direção da ação (“atirado ao chão” [NIV]). “Verdade” neste contexto parece referir-se à verdade sobre o diário e o santuário. Daqui, a afirmação “lançar a verdade por terra” é um sumário da obra do chifre pequeno. Esta verdade é suficientemente abrangente para abranger a revelação do plano redentor de Deus, bem como a revelação da Sua vontade para as nossas vidas (cf. Mt 2:5-8). Lançar a verdade por terra deve ser compreendido metaforicamente. Significa desprezar, desconsiderar, rejeitar a verdade. Essas ideias já estão presentes no contexto.

A descrição da obra do chifre pequeno termina com a afirmação “e agiu e prosperou” (Dn 8:12). O chifre pequeno cresceu em poder sem nenhuma oposição significativa, alcançando até mesmo os céus. Mas este estado de coisas não seria permanente.

## C. A Pergunta: “Até Quando...?”

No fim da visão, Daniel ouviu uma conversa entre dois seres celestiais chamados santos. A frase “os santos” é uma maneira peculiar de se referir aos anjos. Mas em uma passagem como essa aqui, que está interessada nos serviços do santuário, tal uso seria apropriado. Aqueles que oficiam com o Príncipe no “santuário” celestial, *qodesh*, são *qedoshim*, “os santos.”

### 1. A Estrutura da Pergunta

Um dos anjos fez ao outro anjo uma importante pergunta: “Por quanto tempo é a visão sobre a oferta queimada contínua, a transgressão que torna desolada, e a entrega do santuário e da hoste para serem pisoteados sob pé?” (verso 13, RSV). A partícula interrogativa “quanto tempo?” coloca a principal ênfase da questão no final do período de tempo e pode ser traduzida por “até quando?” [12] Que tal é o caso também é indicado pela forma como a resposta é formulada: “Até...; então...” (verso 14). Até (*cad*) é usada em um sentido temporal para se referir “ao tempo

antes que um evento ocorre.”[13] O evento que coloca um fim ao período de tempo é introduzido pela partícula “então.”

A fim de compreender a resposta dada à pergunta, devemos primeiro compreender a pergunta em si. Uma tradução literal é: “Até quando a visão [*chazon*], o diário [*tamid*], e a rebelião [*peshac*] que provoca desolação entregar tanto o santuário como a hoste a um pisoteamento?” O texto Hebraico não lê “a visão de/concernente à oferta queimada contínua”. Em vez disso, o que encontramos é uma partícula interrogativa seguida por vários substantivos referindo-se ao que Daniel viu antes:

Até quando a visão ( <i>chazon</i> )	Isto se refere a Daniel 8:1: “Uma visão [ <i>chazon</i> ] was me foi mostrada.”
o contínuo ( <i>tamid</i> )	Refere-se à obra do Príncipe das hostes (verso 11).
a rebelião ( <i>peshac</i> )	Designa o ataque do chifre pequeno contra o Príncipe e o and the santuário (versos 10-12).

## 2. A Visão

Em Daniel 8 o termo *chazon*, “visão,” designa a totalidade da visão registrada no capítulo, com exceção do período de tempo profético mencionado por um dos anjos. Para essa última seção da visão o termo *mar' eh*, “aparência, visão,” é usado (verso 26).<sup>[14]</sup> Portanto, a questão está interessada no tempo em que a visão, *chazon*, como um todo seria cumprida.

## 3. O Diário

O contínuo (*tamid*) é usado sem modificadores. O contexto indica que é algo bom e positivo porque o Príncipe está encarregado dele no santuário celestial. Na questão, “o contínuo” está se referindo à obra exclusiva de mediação e intercessão do Príncipe no lugar sagrado. Assim, a questão está interessada em revelar o tempo em que a obra do Príncipe no lugar sagrado seria concluída.

## 4. A Rebelião

Finalmente, “a rebelião” aponta de volta ao verso 12 e é usada para descrever a obra do chifre pequeno. Isto, obviamente, significa que a questão está interessada em saber quando o ataque do chifre pequeno contra o santuário vai chegar ao fim. A resposta a esta questão deve abordar essa preocupação.

A última parte de Daniel 8:13 fornece um sumário da atividade do chifre pequeno. Devemos examiná-lo. A “rebelião que provoca a desolação” é seguida por um verbo que introduz os resultados das ações rebeldes do chifre: ele faz com que “tanto o santuário quanto a hoste [sejam] pisoteados.”

### a. Traz desolação

O verbo “desolar” é empregado no Velho Testamento em pelo menos duas maneiras diferentes.<sup>[15]</sup> Ele descreve a condição de um lugar após o ataque por inimigos (para exemplo, veja Lv 26:31; Jl 1:17), e também o impacto psicológico produzido pela desolação sobre aqueles que a



observaram (1Rs 9:8; Ed 9:3, 4). Os dois usos são encontrados em Daniel (Dn 9:18; 8:27). A desolação mencionada em Daniel 8:13 provavelmente está relacionada ao ataque do chifre pequeno contra o santuário. No Velho Testamento, um lugar desolado é desertificado, abandonado por aqueles que costumavam viver ali ou ter acesso a ele (para exemplo, veja Lv 26:22, 34; Is 33:8; Jr 33:10; Sf 3:6; Zc 7:14). O chifre pequeno desolada o santuário celestial usurpando a obra sacerdotal do Príncipe, rejeitando (“jogando [fora]”) o lugar do santuário, e estabelecendo sua própria obra sacerdotal. Ele torna o santuário verdadeiro inacessível àqueles que se submeteram ao seu poder. Este tipo de rebelião também causaria um horror espantoso naqueles que o observariam.

#### **b. Pisoteando a Hoste e o Santuário**

O espírito de rebelião que caracteriza o chifre pequeno leva-o a pisar a hoste e o santuário. Já sugerimos que o pisoteamento da anfitrião indica não só a derrota, mas também a humilhação e impotência. O que é pisoteado é considerado ineficaz e inútil (para exemplo, veja Ez 34:18, 19; Is 5:5). É exatamente assim que o pequeno chifre considera o santuário celestial.

Um paralelo próximo ao pisoteio do santuário é encontrado em Isaías 1:12, onde se faz referência ao pisoteamento das cortes do templo. Deus descreveu a adoração de Seu povo como um pisoteio porque eles haviam separado a ética da adoração, não seguindo as exigências de Deus (veja o verso 10). Eles tentaram adorar a Deus sem submeter-se à lei do concerto que regulava a vida social e religiosa do povo.

A descrição da atividade do chifre pequeno registrada em Daniel 8:13 é um resumo do que foi afirmado antes. A atividade desse poder é essencialmente um ato de rebelião aberta contra Deus que traz desolação espiritual e produz horror naqueles que vêm o que está acontecendo. A rebelião consiste na usurpação da obra do Príncipe mediador e no pisoteio do hoste do santuário.

A hoste é derrotada e humilhada, e o santuário é rejeitado. Um novo sistema é estabelecido e, conseqüentemente, o santuário celestial torna-se desolado, rejeitado por aqueles que seguem ou estão sob o controle do chifre pequeno.

Este ataque contra o santuário é descrito por Daniel como uma profanação (Dn 11:31). O verbo “profanar, espoliar” (*chahal*) é usado no contexto dos serviços do santuário para designar a violação da santidade de um objeto. Não deve ser confundido com o verbo “contaminar.” O oposto do puro é o impuro, e o oposto do santo é o comum (o profano). Profanar o santo é tratá-lo como algo comum, ignorando ou rejeitando sua conexão com Aquele que é Santo. No ato de profanação, o que pertencia exclusivamente a Deus é tratado desrespeitosamente e trazido para a esfera do comum.

### **D. A Resposta: “Até...; então...”**

#### **1. Purificação/Vindicação do Santuário**

A resolução final do conflito pelo poder descrito em Daniel 8 é introduzida no verso 14 (como uma resposta à pergunta que acabamos de discutir): “Até 2300 tardes e manhãs; então, o santuário será restaurado ao seu estado legítimo/purificado.” Trataremos o período de tempo mais tarde; por agora vamos examinar a expressão verbal traduzida como “restaurar ao seu estado correto” (*nitsdaq*).

Existem alguns problemas que dificultam a compreensão do significado do verbo *nitsdaq*. A raiz verbal é *tsadaq* e geralmente significa “estar no direito, ser vindicado, ser justo.” A forma verbal usada por Daniel não é usada em nenhum outro lugar no Velho Testamento. Em outras palavras, não temos material comparativo para nos ajudar a compreender o significado específico do verbo neste caso em particular. Em segundo lugar, o verbo *tsadaq* nunca usa o santuário ou qualquer outro edifício como seu objeto. O verbo não é usado para designar a reconstrução ou restauração de uma

estrutura física. No entanto, estes problemas não são intransponíveis. Um estudo do uso da raiz verbal e seus derivados resolve as dificuldades que estamos enfrentando.

#### **a. A Raiz *Tsadaq* em Contextos Legais**

Vários estudos têm sido feitos sobre o uso do verbo *tsadaq*, os substantivos *tsedeq/tsedaqah*, “retidão,” e o adjetivo-substantivo *tsaddiq*, “justo.”<sup>[16]</sup> Estudiosos geralmente têm aceitado que esses termos estão associados no Velho Testamento com a corte de lei, as ações salvíficas de Deus e os serviços do santuário. Estas palavras enfatizam a ideia de restaurar ou preservar a ordem estabelecida por Deus.

O uso primário da raiz *tsadaq* é legal. Ela designa a restauração dos direitos legais de uma pessoa falsamente acusada de um crime. O contexto legal pressupõe um procedimento jurídico. Assim, o salmista orou a Deus: “Julgue-me, ó Senhor, segundo a minha justiça e de acordo com a integridade que está em mim” (Sl 7:8, RSV). Este indivíduo sabe que ele ou ela é inocente, e vai para o santuário buscando vindicação. Ali Deus vindicará a pessoa, ou declarará-la inocente (cf. Sl 9:4; 1Rs 8:31, 32; Is 50:8, 9). (Se a pessoa for culpada, Deus não a absolverá [Êx 23:7; cf. Lv 19:15; Dt 16:18].) Em tais contextos, os justos são declarados inocentes e os acusadores condenados (veja 2 Cr 6:23; Sl 7:8, 9; Dt 25:1).

Sempre que a raiz *tsadaq* é usada em seu ambiente legal, ela não simplesmente designa “uma decisão imparcial entre duas partes, com base em uma norma legal, como é conhecida na lei Ocidental, mas protegendo, restaurando, ajudando a justiça, que ajuda aqueles que tiveram seu direito tirado deles na relação comunal para recuperá-lo.”<sup>[17]</sup> Sua restauração inclui, ao mesmo tempo, a punição para aquele que pratica o mal.<sup>[18]</sup> Portanto, a destruição dos ímpios sempre ocorre como uma manifestação da justiça de Deus em favor daqueles que Ele vindica.<sup>[19]</sup>

#### **b. A Raiz *Tsadaq* nos Contextos da Salvação**

O uso legal da raiz verbal sob consideração se estende para incluir a ideia de salvação. A justiça de Deus é a Sua ação salvadora em favor do Seu povo.<sup>[20]</sup> Aqueles que são vindicados por Deus são salvos por Ele de situações opressivas. Isto explica por que as palavras “salvação” e “justiça” são usadas como sinônimas (para exemplo, veja Sl 98:2-9; Is 1:27, 28; 46:13). A justiça como salvação inclui novamente a destruição do opressor, que resulta na restauração da ordem e da harmonia na sociedade e no mundo (cf. Sl 143:11, 12; 71:2-4, 24; 33:5-11).

#### **c. A Raiz *Tsadaq* e os Serviços do Santuário**

A justiça estava intimamente associada com os serviços do santuário.<sup>[21]</sup> Em Levítico, o que era necessário para ter acesso ao santuário era “pureza,” e ela era obtida por meio da expiação. No livro de Salmos o que era necessário era “justiça,” e ela era concedida como um dom no santuário (Sl 24:3-5). Os justos não eram apenas aqueles que permaneceram leais ao Senhor (Sl 15:2-4), mas também aqueles cujos pecados tinham sido perdoados (Sl 32:1, 2, 11). O termo “justiça” descreve as portas do templo (Sl 118:19), a veste sacerdotal (Sl 132:9), e os sacrifícios oferecidos ao Senhor (Sl 4:5; 51:19; Dt 33:19). Assim, o conceito de justiça foi incorporado nos serviços do santuário.

Portanto, não deve ser uma surpresa encontrar a raiz *tsadaq* usada como sinônimo de pureza (cf. Jó 4:17; 17:9; Sl 18:20; 51:4). A raiz inclui em seus diferentes tons de significados as ideias de limpeza e pureza. Isaías 53:11 fornece uma ilustração: “Por seu conhecimento meu servo justo [o Messias] justificará [declarará justos] a muitos, e ele portará suas iniquidades” (NVI). Somente o Verdadeiro Justo poderia declarar a muitos como justos. Isso foi possível, não porque eles eram justos/puros, mas porque o Servo removeu o pecado, a impureza deles, levando-os sobre Si mesmo. Assim, a passagem indica que ser declarado justo por Deus também é ser purificado, purificado do pecado.

Este breve estudo de palavras fornece um contexto indispensável para a compreensão adequada de Daniel 8:14. Notemos que o termo *tsadaq* está associado a conceitos como julgamento, vindicação, purificação e salvação. O termo transmite a ideia da restauração da ordem estabelecida por Deus através de uma obra de purificação e julgamento. Daniel 8:14 refere-se a um evento que levará à realização de todos esses conceitos. Mais especificamente, o contexto de Daniel deixa claro que este evento terá lugar depois que a visão de todo o capítulo for cumprida – este evento que segue o ministério diário (o *tamid*) do Príncipe, deve vindicar o povo de Deus que foi atacado e perseguido pelo chifre pequeno, e que vai acabar com a obra rebelde e profanação do chifre pequeno. A questão básica é: A que evento específico Daniel se refere? Podemos encontrar um paralelo bíblico para ele?

#### **d. O Dia da Expição e Daniel 8:14**

Apenas um evento mencionado na Bíblia pode funcionar como um tipo para o evento escatológico mencionado por Daniel, ou seja, o Dia da Expição (Lv 16). Este evento era parte dos serviços do santuário, tinha um impacto sobre o povo de Deus e do santuário, e abordou o problema da rebelião flagrante contra Deus. Além disso, este evento não fazia parte do ministério diário do sacerdote, mas acontecia no início do ano. O Dia da Expição envolvia um novo aspecto do ministério do sumo sacerdote, um distinto do diário e era realizado no Lugar Santíssimo do santuário. Ele encerrava, por assim dizer, os serviços religiosos do santuário para o ano passado e introduzia um novo começo.

Um dos principais propósitos dos serviços diários no santuário Israelita era tornar o perdão divino disponível aos pecadores arrependidos por meio da expiação sacrificial. Por meio do sistema sacrificial, o pecado e a impureza eram transferidos para o santuário e o pecador era perdoado.<sup>[22]</sup> Pela expiação, Deus assumia a responsabilidade pelos pecados do Seu povo. Mas, durante o Dia da Expição, Deus removia o pecado e a impureza do santuário, revelando-Se totalmente e absolutamente alheio ao pecado. Naquele dia, o verdadeiro originador do pecado, Satanás, era claramente identificado e responsabilizado pelo problema do pecado. A santidade de Deus era assim vindicada, e a purificação do Seu povo alcançava sua consumação.

É a este conglomerado de ideias que Daniel está se referindo. Ele aponta para um momento em que o santuário celestial, o lugar onde o Príncipe oficia em favor de Seu povo, se desassociará do problema do pecado, trazendo a salvação de Seus santos à sua consumação. O autor de Hebreus também apontou para esse acontecimento, dizendo: “Era necessário, então, que as cópias das coisas celestiais fossem purificadas com esses sacrifícios [animais], mas as próprias coisas celestiais com melhores sacrifícios [de Cristo] do que estes” (Hb 9:23, NIV). A visão apocalíptica de Daniel dá ao Dia da Expição uma dimensão cósmica que resultará na resolução final do problema do pecado.

Também devemos notar que durante o Dia da Expição a corte de Deus estava em sessão. Seu povo era avaliado, e aqueles que não permaneceram em uma relação de fé com Ele eram “eliminados” de Seu povo (veja Lv 23:27-31). Enquanto a comunidade dos justos descansava no Senhor durante o Dia da Expição, os pecadores impenitentes e rebeldes eram removidos do acampamento. Nenhuma expiação sacrificial estava disponível para eles. Isto é precisamente o que Daniel diz sobre o destino final do chifre pequeno: “Ele será destruído, mas não pelo poder humano” (Dan. 8:25, NIV); isto é, não através da intervenção humana. O Dia da Expição é um acontecimento no fim do qual o povo de Deus experimentará a salvação final e os ímpios serão destruídos. Então ordem e harmonia serão restauradas ao universo.

Assim, a profanação do santuário perpetrado pelo chifre pequeno é restabelecida através da destruição do chifre. De acordo com o Velho Testamento, a profanação rebelde do santuário era restabelecida através do extermínio do pecador e não através de um sacrifício sangrento.<sup>[23]</sup> Quando

os Babilônios atacaram e destruíram o Templo, eles o profanaram (Ez 7:22; 25:3, 12 cf. 24:21). Como esta profanação se restabeleceu? O Senhor os destruiu (Jr 51:11; cf. Sl 74:3-14), e mais tarde um novo Templo foi construído para Ele.

A pena de morte era pronunciada contra qualquer Israelita que profanasse o santuário (Ez 23:39, 46-49; cf. Ml 2:11, 12), as oferendas sacrificiais (Lv 19:8; Nm 18:32), o Sábado (Êx 31:14), ou a terra (veja Jr 16:16-18). A expiação acontecia, por assim dizer, pela morte do culpado (para exemplo, veja Nm 35:33; cf. Dt 32:43; 2Sm 21:1-9). A pena de morte era igualmente exigida nos casos de pecado arrogante que resultava na contaminação ilegal do santuário (Lv 15:31; 20:2-5).

Daniel aplica este mesmo princípio legal ao poder profanador do chifre pequeno. O resultado de suas ações malignas seria corrigido por meio de uma poderosa manifestação da santidade e da justiça de Deus no fim do dia da expiação escatológico, resultando no extermínio do chifre pequeno.

## **2. O Princípio Dia-Ano**

Daniel 8:14 não apenas contém uma referência ao dia da expiação escatológico, mas também inclui um período de tempo profético que nos informa a respeito do momento histórico em que o evento inicia: “Até 2300 tardes e manhãs...”

### **a. Tardes e Manhãs**

A frase “tardes e manhãs” raramente é usada na Bíblia. O único outro lugar onde encontramos a expressão está em Gênesis 1:5, 8, 13, 19, 23, 31, onde é usada para denotar um dia inteiro. Com base nisso, alguns estudiosos têm sugerido que “a maneira natural de entender a frase [em Daniel] é como denotando 2300 dias.”<sup>[24]</sup> Também sabemos que, nos serviços do santuário, certas atividades eram referidas como ocorrendo à tarde e de manhã, ou seja, todos os dias (para exemplo, ver Êx 27:20, 21; Lv 24:2, 3).<sup>[25]</sup> Isto mostra outra vez uma conexão entre Daniel 8:9-14 e os serviços do santuário.

Devemos interpretar os 2300 dias em termos do princípio dia-ano? O próprio texto aponta nessa direção. A pergunta do verso 13 é: “Até quando a visão...?” Já vimos que “visão” em Daniel 8 designa toda a visão, começando com o carneiro, Medo-Pérsia. Os 2300 dias deviam começar durante o tempo do Império Medo-Persa e terminar no momento em que o dia escatológico da expiação começaria. O fato de que a visão abrange pelo menos a história de dois impérios explicitamente mencionados nele (versos 20, 21) deixa claro que os 2300 dias não podem ser dias literais, mas dias proféticos – ou seja, anos.<sup>[26]</sup>

### **b. O Princípio Dia-Ano no Velho Testamento**

Outros lugares na Bíblia validam o princípio dia-ano. Nas Escrituras “dia” pode ser usado para designar um ano.<sup>[27]</sup> Por exemplo, um sacrifício anual é chamado de “um sacrifício de dias” (1Sm 20:6); um período de “um ano e quatro meses” (NIV) é redigido como “dias e quatro meses” (1 Sam. 27:7); uma pessoa idosa é alguém “avançado em dias,” que obviamente significa “avançado em anos” (1Rs 1:1, NIV). Nos livros poéticos encontramos dias e anos usados em paralelismo sinônimo (para exemplo, veja Jó 10:5; 15:20; Sl 90:9, 10).

Um caso interessante em que “dia” significa “ano” é encontrado na lei sabática. O sétimo ano é chamado de “um sábado do Senhor” (Lv 25:2); o nome de um dia é usado para se referir a um ano; o Sábado semanal representa aqui o ano sabático. No caso do jubileu, sete períodos de anos sabáticos eram seguidos por um ano de jubileu. “Você contará sete sábados de anos, sete anos vezes sete, e para você os dias dos sete sábados dos anos serão 49 anos” (verso 8). Aqui Deus está dizendo aos Israelitas para interpretarem os 49 dias como 49 anos.

Também encontramos um dia representando um ano no contexto das profecias do juízo. Este princípio é estabelecido em Números 14:34 e Ezequiel 4:7. Em Números, 40 dias se tornam 40 anos, enquanto em Ezequiel, 40 anos são reduzidos a 40 dias. No entanto, em ambos os casos, encontramos a mesma formulação sobre o princípio envolvido: “Dia por um ano, dia por um ano eu tenho dado a você.” Outro exemplo interessante é registrado na primeira profecia de julgamento encontrada na Bíblia. Deus anunciou ao mundo antediluviano que seus “dias serão cento e vinte anos” (Gn 6:3, NIV). Aqui novamente encontramos uma clara conexão entre “dia” e “ano,” indicando que um representa o outro.

A evidência indica que para a mentalidade Hebraica era natural usar “dia” e “ano” intermutavelmente. O Senhor usou a ideia que um dia poderia representar um ano nas visões apocalípticas de Daniel como um símbolo para se referir a longos períodos proféticos. É interessante observar que o princípio dia-ano também foi usado por escritores Judeus durante o período intertestamental, por aqueles que viviam na comunidade de Qumran, possivelmente por Josefo, e por alguns escritores rabínicos.<sup>[28]</sup>

Com base no contexto bíblico que acabamos de verificar e sobre a evidência interna do próprio capítulo 8 de Daniel, podemos concluir com segurança que os 2300 dias representam 2300 anos. De acordo com a profecia, este longo período de tempo devia começar em algum tempo durante o Império Medo-Persa. Isto serve para explicar a omissão da Babilônia da visão. Encontramos a data específica para o início em Daniel 9.

## II. Daniel 8:14 e 9:23-27

### A. Ligações Entre Daniel 8 e 9:23-27

Estudantes da Bíblia geralmente reconhecem que existe uma conexão entre o conteúdo de Daniel 9 e Daniel 8. Nenhuma visão é registrada no capítulo 9. Em vez disso o que encontramos ali é uma discussão e uma interpretação de um período de tempo profético de 70 semanas. Isto é precedido por uma oração intercessora oferecida por Daniel em favor da cidade de Jerusalém e seu povo (Dn 9:4-19). Sua preocupação é dirigida à interpretação das 70 semanas (verso 24). Esta profecia de tempo está diretamente relacionada com Daniel 8, particularmente com o período de tempo profético registrado ali, os 2300 anos. Uma série de ligações usadas por Daniel estabelece uma conexão entre os dois períodos proféticos.<sup>[29]</sup>

#### 1. Ligações Terminológicas

Daniel usa vários termos-chave no capítulo 8 e 9:23-27. Um deles é *mar'eh*, “visão, aparência.” Gabriel veio para explicar a Daniel o *mar'eh* (Dan. 9:23). Mas no capítulo 9 não há visão. Portanto, o anjo está se referindo a uma visão que o profeta tinha tido antes. *Mar'eh* é o mesmo termo usado em Daniel 8:26 para designar a “visão” lidando com o período de tempo dos 2300 anos. Curiosamente, a parte da visão (*chazôn*) em Daniel 8 que o profeta não entendia era a única lidando com os 2300 anos, que ele chama de *mar'eh* (verso 27). O verbo que ele usa, *bin* (“entender”), é usado novamente em Daniel 9:23 quando Gabriel diz a Daniel: “Entenda [*bin*] a visão [*mar'eh*].” Em outras palavras, o anjo veio ajudar Daniel a entender o que ele não tinha entendido antes no capítulo 8.

Outro termo comum a ambos os capítulos é o nome do anjo que interpreta o significado da visão para Daniel, ou seja, Gabriel. Sua explicação da visão registrada em Daniel 8 não foi concluída no final do capítulo. Em resposta à oração do profeta, ele retornou para fornecer mais informações.

## **2. *Perspectiva do Santuário***

Já notamos que Daniel 8:9-14 usa conceitos do santuário para descrever a obra do Príncipe e a natureza do ataque do chifre pequeno. Encontramos um interesse semelhante no santuário de Daniel 9, com referência à expiação (verso 24), ofertas sacrificiais (verso 27), e a inauguração do santuário (verso 25). Daniel 9 menciona o início dos serviços do santuário após a morte do Messias. Em Daniel 8 encontramos o Príncipe oficiando naquele santuário como sacerdote, e também o pequeno chifre que se opõe ao Seu ministério, mas vemos o Príncipe iniciando a fase final de Sua mediação sacerdotal no final dos 2300 anos.

O uso de conceitos do santuário em Daniel 9 serve, em parte, para descrever o Messias como uma vítima sacrificial e aponta para o início de Sua obra sacerdotal. No capítulo 8, o Messias é descrito como o sumo sacerdote encarregado do diário e oficiando no dia escatológico da expiação. Devemos acrescentar que, no capítulo 7, o Messias é descrito como rei.<sup>[30]</sup> As visões apocalípticas de Daniel são essencialmente sobre a obra de Cristo como sacrifício, sacerdote e rei.

## **3. *O Elemento Tempo***

O elemento temporal de Daniel 8 não foi explicado. Daniel 9 inclui um elemento de tempo que é uma explicação parcial, mas significativa, do que se encontra em Daniel 8. A principal ênfase do período de tempo no capítulo 8 está no fim ou no encerramento da profecia. Daniel 9 salienta o início do período de tempo e os acontecimentos que levam à inauguração da obra do Messias no santuário celestial. Uma vez que o santuário foi ungido (Dn 9:24), o ministério diário do Príncipe começou.

Os dois períodos proféticos começam durante o tempo do Império Medo-Persa. Daniel 9 define mais precisamente esse momento histórico, identificando-o como o momento em que o decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém é emitido (verso 25).

## **4. *O Verbo Inicial de Daniel 9:24***

De acordo com o anjo intérprete, 70 semanas foram “determinadas/cortadas para o seu povo e sua cidade santa.” O verbo usado por Daniel é *chathak*, e esta é a sua única ocorrência na Bíblia Hebraica. Estudos feitos desta raiz na literatura Cananita e em escritos Hebraicos Judaicos indicam que ela pode significar “determinar” e “cortar.”<sup>[31]</sup> O significado do verbo desenvolveu-se de uma ação concreta (“cortar, cortado”) para uma mais abstrata (“determine, decida,” etc.). O significado mais comum nessas fontes parece ser “cortar, cortado.” A possibilidade que o significado do verbo em Daniel seja “cortado” é reforçado pelo fato que, como vimos, existem vínculos claros conectando os períodos de tempo em Daniel 8 e 9. Pode-se então sugerir que as 70 semanas foram cortadas dos 2300 anos mencionados em Daniel 8.

## **B. *Conteúdo das 70 Semanas***<sup>[32]</sup>

Daniel 9:24-27 é essencialmente uma profecia Messiânica que anuncia a vinda do Salvador e Sua obra salvadora. Além da referência à reconstrução da cidade (verso 25), o restante da profecia descreve a experiência do Messias e fornece uma lista de eventos que deveriam ocorrer como resultado de Sua experiência.

No final das 70 semanas o Messias deve ser morto (verso 26). Sua morte terminaria a transgressão trazendo justiça eterna; selar/pôr um fim ao pecado através do perdão; selar/confirmar a veracidade da visão através do seu cumprimento; expiar o pecado através de Seu sacrifício; ungir

o santuário celestial; firmar um concerto com muitos (o novo concerto); e fazer cessar o sistema sacrificial do santuário terrestre (o tipo se encontraria com o antítipo). Durante as 70 semanas a destruição da cidade e do Templo devia ser decretada (versos 26, 27).

Esta profecia foi maravilhosamente cumprida em Cristo Jesus, que por meio de Sua morte sacrificial trouxe salvação eterna e perdão do pecado. Ele ressuscitou e ascendeu ao céu para ministrar em nosso favor no santuário celestial. Assim, o santuário terrestre e seus serviços chegaram ao fim, encontrando seu cumprimento em Cristo. Rejeitado por Seu próprio povo, Ele anunciou a destruição da cidade e do Templo (Mt 24:1, 2).

### **C. O Período de Tempo: 70 Semanas**

A fim interpretar corretamente as 70 semanas, o princípio dia-ano é indispensável. A palavra Hebraica *shabucim*, “semanas,” sempre designa no Velho Testamento um período de sete dias de tempo.<sup>[33]</sup> Aqui em Daniel as 70 semanas formam uma única unidade de tempo ininterrupto, totalizando 490 dias ( $7 \times 70 = 490$ ). A própria profecia nos fornece os pontos inicial e final. O período profético abrange o tempo do Império Medo-Persa até a unção e a morte do Messias, incluindo o estabelecimento do novo concerto, disponibilizando a salvação tanto aos Judeus como aos Gentios.<sup>[34]</sup>

#### **1. Os Decretos**

Mais especificamente, a profecia começa com “a partir da promulgação para restaurar e reconstruir Jerusalém” (Dn 9:25). A frase “a partir da promulgação” designa um decreto real (cf. Et 1:19; 7:8). O decreto foi para autorizar a restauração da cidade. O verbo traduzido “para restaurar” não se refere à reconstrução física da cidade, mas sim ao retorno dos Judeus à cidade, a fim de administrá-la de acordo com suas próprias leis (cf. 1Rs 20:34; 2Rs 14:22).<sup>[35]</sup> A reconstrução da cidade é indicada pelo segundo verbo “reconstruir.”

O livro de Esdras menciona vários decretos Persas autorizando a reconstrução do Templo em Jerusalém, mas apenas um deles autorizou a reconstrução da cidade e a restauração do sistema legal Israelita. Encontramos ali um decreto de Ciro em 537 A.C. (Ed 1:1-4), um de Dario em 520 A.C. (que foi uma reafirmação do Decreto de Ciro (Ed 6:1-12), e o decreto de Artaxerxes em 457 A.C. autorizando a restauração integral de Jerusalém (Ed 7:12-26). Este decreto foi renovado em 444 A.C. quando a Neemias estava retornando a Jerusalém (Ne 1).

#### **2. O Decreto de Artaxerxes**

O decreto de Artaxerxes em 457 A.C. incluiu vários elementos importantes, a maioria dos quais não estavam presentes nos decretos anteriores. Ele (1) concedeu permissão aos exilados para retornar a Jerusalém; (2) fundos foram providenciados para o apoio do Templo; (3) Templo e pessoal do Templo foram isentados de impostos; (4) Esdras foi investigar a condição do povo de Judá, possivelmente a fim de trazer sua vida em concordância com a lei mosaica; (5) e ele devia estabelecer um sistema legal baseado na Torá para todos os Judeus na Judéia e em todo o Transeufrates da província. Este último ponto incluía o estabelecimento de magistrados e juizes para fazer cumprir a lei.

O decreto de 457 A.C. era abrangente o suficiente para incluir a reconstrução da cidade. Esdras nos diz que os exilados que haviam sido autorizados por Artaxerxes a retornar a Jerusalém começaram imediatamente a reconstruí-la (Ed 4:7-23; cf. Ed 9:9). Seus inimigos foram capazes de parar o processo de reconstrução, não porque a reconstrução da cidade era considerada ilegal, mas porque eles temiam que o poder concedido pelo rei aos Judeus levaria à insurreição. Vários anos

depois, Artaxerxes renovou o decreto original e autorizou Neemias a ir para Jerusalém para finalizar o projeto (Ne 1).

### **3. 457 A.C.: Sétimo Ano de Artaxerxes**

O sétimo ano do reinado de Artaxerxes (457 A.C.) é uma data bem estabelecida na história antiga. De acordo com fontes Gregas, Xerxes, o pai de Artaxerxes, morreu durante a última parte de 465 A.C. Um texto astronômico Egípcio sugere que ele morreu entre dezembro e o ano novo Persa na primavera. Textos astronômicos babilônicos e documentos escritos em papiro encontrados na ilha de Elefantina, no Egito, confirmam o fato de que Artaxerxes ascendeu ao trono em 465 A.C. Esse foi o seu ano de adesão; seu primeiro ano inteiro como rei começou na primavera de 464 A.C., quando o ano novo iniciava. O sétimo ano de Artaxerxes seria, então, 457 A.C.

Alguns têm sugerido que durante o período pós-exílico os Judeus usavam um calendário de primavera à primavera e que, conseqüentemente, o sétimo ano do rei seria 458 A.C. A evidência bíblica aponta para a conclusão oposta. Estudos feitos na cronologia dos reis de Judá indicam que o calendário civil usado em Jerusalém corria de outono a outono. Este também era o caso durante o período pré-exílico (Ez 1:2; 8:1; 40:1), e durante o tempo de Esdras e Neemias (Ne 1:1; 2:1). O calendário de Esdras era de outono a outono, tornando o sétimo ano de Artaxerxes 457 A.C.

### **4. A Cronologia**

Uma vez que temos fixado a data para iniciar as profecias das 70 semanas e os 2300 dias, sua cronologia é uma questão simples. Podemos resumi-la da seguinte forma:

457 A.C.	Decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém
408 A.C.	7 semanas para reconstruir a cidade (49 anos)
27 D.C.	Depois das 69 semanas o Príncipe foi ungido (batismo de Jesus, Lc 3:1, 21) (483 anos)
30/31 D.C.	O Messias morreu durante a última semana (crucifixão de Cristo)
34 D.C.	Apedrejamento de Estevão (At 6:12-7:60) e o evangelho alcança o mundo Gentio (At 9, 10). Em algum ponto durante o restante dos 1810 anos (2300-490=1810) o chifre pequeno interferiu na obra sacerdotal do Príncipe no lugar santo (veja Dn 7:25; 12:11).
1844 D.C.	A visão completa de Daniel 8 é cumprida. A obra diária do Príncipe dá lugar ao dia escatológico da expiação. A usurpação do diário pelo chifre pequeno chega ao fim.

Esta certamente é uma profecia impressionante, única na Bíblia. Seu cumprimento exato mostra que Deus é realmente o Senhor da história e que Ele não nos deixou na ignorância a respeito do desenvolvimento do plano de salvação dentro dessa história. A profecia está realmente interessada na obra de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Através do estudo cuidadoso das Escrituras, da oração intensa e da orientação especial do Espírito Santo, nossos pioneiros encontraram nesta profecia sobre Cristo a razão da existência do remanescente.



### III. O Significado de Daniel 8:14[36]

Foi através do estudo de Daniel 8:14 como um ponto de partida que o Adventismo veio à existência como um movimento histórico, desenvolveu sua identidade doutrinária e identificou sua missão. Somos confrontados aqui com um aspecto fundamental e vital no pensamento Adventista. Este tipo de desenvolvimento foi possível porque Daniel 8 inclui uma profecia de tempo que identifica 1844 como uma data significativa no calendário de Deus e também porque Daniel 8 e 9:23-27 apontam para a obra de redenção de Cristo. Esta tarefa de salvação está conectada nessas passagens não só à cruz, mas também à obra mediatória contínua de Cristo no santuário celestial. A verificação dos serviços do santuário e seu significado simbólico resultaram na doutrina Adventista do santuário.

1. Daniel 8:14 nos fornece como Adventistas uma identidade histórica. O movimento Adventista não é um acidente histórico, mas o resultado da intervenção especial de Deus nos assuntos humanos. O cumprimento de Daniel 8:14 em 1844 valida, até mesmo legítima, sua presença no mundo e particularmente entre a comunidade Cristã. Quando Cristo iniciou sua obra sumo-sacerdotal no céu, a igreja foi batizada pelo Espírito Santo (At 2:33). Os discípulos sabiam que algo de importância transcendental tinha ocorrido no céu porque o Espírito foi derramado sobre eles. Da mesma forma, quando a profecia de 2300 anos foi cumprida em 1844, algo inédito ocorreu no santuário celestial, ou seja, começou o dia antitípico da expiação. Naquele momento, Deus levantou na terra um movimento de reforma que trabalharia com Ele na preparação do mundo para encontrá-Lo como juiz, restaurando a verdade de Deus que havia sido lançada no chão, e desmascarando o último engano de Satanás antes da segunda vinda de Cristo (Ap 10:11; 14:7-12).

2. A identidade histórica, a teologia e a missão do movimento Adventista não podem ser separadas da obra redentora de Cristo. Foi precisamente a obra de Cristo que tornou necessária a criação deste movimento. Portanto, é Cristo que fornece identidade ao movimento.

A doutrina do santuário é uma exposição do plano de salvação de Deus através de Cristo, e fornece um pilar fundamental para a fé Adventista. A doutrina do santuário é uma perspectiva única a partir da qual é possível estudar o plano de redenção. Ela ilumina o desenvolvimento desse plano dentro da história, identificando seus componentes-chave e, em conjunção com as profecias de Daniel, até mesmo o movimento histórico quando eles deveriam acontecer e a oposição histórica dos inimigos de Deus que confrontou. Esta doutrina está centralizada na obra de Cristo e fornece uma visão integrada do mesmo. Pode-se facilmente ver a progressão na obra de Cristo através do estudo da teologia do santuário. Ele é visto como vítima sacrificial, sumo sacerdote, mediador, juiz, advogado e rei.

3. O fim dos 2300 anos em 1844 nos lembra que a história da salvação ainda está em andamento, que o plano de Deus está se desenvolvendo como Ele planejou e antecipou. A história da salvação não chegou ao fim em 31 D.C. As profecias bíblicas nos lembram que Deus era e ainda está ativo dentro da história do mundo, levando-o a seu objetivo particular, ou seja, o estabelecimento de Seu reino na terra. Os períodos proféticos servem como marcos dentro da história, sinalizando o momento quando o plano de redenção de Deus está se aproximando de sua consumação.

4. Daniel 8:14 e a doutrina do santuário nos informam que Cristo está realizando agora o último aspecto de Sua obra sumo sacerdotal no santuário celestial. Sabemos onde estamos com respeito ao que está transcorrendo no céu. O dia antitípico da expiação está em andamento, e Deus

está julgando seu povo. Estamos alcançando o próprio fim da misericórdia de Deus, e estamos prestes a enfrentar o confronto final entre as forças de Deus e Satanás. A consumação da nossa salvação está prestes a acontecer.

5. A obra de mediação e julgamento de Cristo não apenas nos chama a estar agressivamente envolvidos na proclamação do evangelho eterno de Deus no cenário das mensagens dos três anjos, mas também nos desafia a avaliar nosso relacionamento com Cristo. A nossa experiência religiosa deve ser caracterizada por uma humilde dependência do Salvador e por descansar na fé Nele. Enquanto o santuário celestial está sendo purificado, nossa vida espiritual também deve ser purificada do pecado. Esta limpeza pessoal ocorre no arrependimento e no perdão através de Cristo.

6. O julgamento investigativo que está acontecendo agora no céu é um testemunho do fato de que Deus e o universo levam todos os seres humanos a sério. Deus, através de Cristo, lida com os seres humanos no santuário celestial como indivíduos. Isso reafirma nossa dignidade e valor em Cristo, que representa cada um de nós como nosso advogado. Nenhum ser humano é um desconhecido no concílio divino. Os redimidos se juntarão à família celestial não como estranhos, mas como pessoas bem conhecidas, como parentes que têm a simpatia e o respeito do restante da família de Deus.

7. O julgamento investigativo significa que as decisões e ações humanas têm um impacto cósmico. O que somos, pensamos e fazemos é preservado indelevelmente nos registros celestiais. Isto, longe de ser uma fonte de pressão e medo, deve ser o próprio fundamento da alegria. O que fazemos, o que nos tornamos não se perde na imensidão do tempo e do espaço, mas é preservado no santuário de Deus. Toda boa ação, cada oração, cada palavra de encorajamento, cada expressão de amor, é preservada como testemunha da múltipla sabedoria de Deus, que é capaz de transformar seres humanos pecaminosos em criaturas novas e santas. Claro, o pecado também é registrado ali. Fraquezas humanas, rebeliões, erros e falhas são preservados ali. Mas porque Cristo é o advogado do crente, o perdão está disponível e é concedido àqueles que se aproximam de Deus através Dele. Durante o julgamento investigativo, os pecados não serão computados contra aqueles que permaneceram em uma relação de concerto com Cristo, porque eles foram atribuídos a Ele na Cruz. Então esses pecados serão apagados, para não mais serem lembrados. O caráter Cristão do crente será estabelecido para a eternidade.

8. A purificação do santuário celestial aponta de modo especial para a natureza moral do nosso Deus. Aquele que governa o universo é uma Pessoa cuja vontade é lei, uma lei do amor. Ele é o árbitro moral do universo, que, portanto, deve prestar contas a Ele. O remanescente deve encontrar consolo em saber que existe Alguém encarregado do cosmos e que Ele é todo-poderoso e todo-amor. A fim de restaurar e preservar a ordem no universo, o julgamento e a prestação de contas são indispensáveis. Uma vez que o juízo é baseado na lei de Deus, o remanescente se caracteriza como aqueles que guardam os mandamentos de Deus como uma amorosa resposta à Sua graça.

9. A purificação do santuário testifica o fato de que o mal não é eterno. Ele virá a um fim, acompanhado pelos gritos de alegria das criaturas leais de Deus louvando Sua justiça e amor. Somente através da justiça e do amor pode o pecado e o mal serem extintos. No fim de Seu ministério no Lugar Santíssimo do santuário celestial, Cristo virá para libertar Seu povo do poder da morte e de seus inimigos. Naquele tempo Azazel (Satanás) será reconhecido em todo o universo como fonte e origem do pecado e do mal e sua extinção será decretada.

A vitória de Deus e do Cordeiro sobre os poderes de Satanás será definitiva. O significado salvífico da cruz é enriquecido através de um estudo do sacerdócio de Cristo. Pouco se sabe sobre o

impacto total e realizações da cruz. Ela de fato é a maior revelação de Deus ao universo e o evento indispensável para a solução do problema do pecado. Mas essa revelação não tem sido totalmente compreendida, e há dimensões dela que exigirá a eternidade para ser compreendida. A obra sacerdotal de Cristo no santuário celestial está constantemente revelando a riqueza da cruz. Na verdade, Sua obra de mediação e julgamento é simplesmente e fundamentalmente uma revelação do mistério da cruz.

### *Notas Finais*

- [1]. T. Cuyler Young, Jr., "The Early History of the Medes and the Persians and the Archaemenid Empire to the Death of Cambyses," em *The Cambridge Ancient History*, ed. John Boardman, N. G. L. Hammond, D. M. Lewis e M. Ostwald (Cambridge: University Press, 1988), vol. 4, pp. 29-33.
- [2]. John E. Goldingay, em *Daniel* (Dallas: Word, 1989), p. 208, identifica o terceiro ano de Belsazar como 548/547. Ele está seguindo Gerhard F. Hasel, "The First and Third Years of Belshazzar (Dan. 7:1; 8:1)," *Andrews University Seminary Studies* 15 (1977), pp. 153-168.
- [3]. Young, "Early History," p. 36.
- [4]. Esta solução para o problema no verso 9 foi sugerida por W. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation, Daniel and Revelation Committee Series* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1982), vol. 1, pp. 41-43. Ele aponta corretamente que o texto Hebraico lê no verso 9 "e proveniente de um deles," não "de um deles." Isso reforça a ideia que o chifre pequeno veio de um dos ventos do céu.
- [5]. Gerhard F. Hasel, "The Little Horn," em *Symposium on Daniel, Daniel and Revelation Committee Series*, ed. Frank B. Holbrook (Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1986), vol. 2, p. 394.
- [6]. Para uma discussão sobre os estágios do crescimento do chifre pequeno, veja Shea, "Spatial Dimensions in the Vision of Daniel 8," em *Symposium on Daniel*, pp. 496-526; e Hasel, "Little Horn," pp. 380-383.
- [7]. Goldingay, p. 197.
- [8]. F. Brown, S. R. Driver and Charles A. Briggs, *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1951), p. 680.
- [9]. Veja John J. Collins, *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel* (Minneapolis: Fortress, 1993), p. 335.
- [10]. Idem.
- [11]. R. Knierim, "pesac Verbrechen," em *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, ed. Ernst Jenni and Claus Westerman (Munich: Chr. Kaiser Verlag, 197 [106], vol. 2, col. 493
- [12]. Veja Hasel, "Little Horn," p. 429.
- [13]. Bruce C. Waltke and M. O'Connor, *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax* (Winona Lake, md.: Eisenbrauns, 1990), p. 215.
- [14]. Veja Shea, *Studies*, pp. 80-82.
- [15]. Veja F. Stolz, "Smmöde liegen," em *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, vol. 2, cols. 971-974.
- [16]. Veja, por exemplo, E. R. Achtemeier, "Righteousness in the Old Testament," em *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. G. A. Buttrick (Nashville: Abingdon, 1962), vol. 4, pp. 80-85; K. Koch, "Sdq gemeinschaftstreu/heilvoll sein," *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, vol.2, cols. 507-530; J. J. Scullion, "Righteousness: Old Testament," em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David N. Freedman (New York: Doubleday, 1992), vol. 5, pp. 724-736; J. P. Justesen, "On the Meaning of SADAQ," *Andrews University Seminary Studies* 2 (1964), pp. 53-61; Hasel, "Little Horn," pp. 448-454.
- [17]. Achtemeier, p. 81.
- [18]. Idem, p. 83.
- [19]. Koch, col. 522.
- [20]. Veja Scullion, p. 731.
- [21]. Veja Justesen, pp. 58-61; Koch, cols. 519-525; Ángel M. Rodríguez, "Significance of the Cultic Language in Daniel 8:9-14," em *Symposium on Daniel*, pp. 537-543; Gerhard F. Hasel, "Studies in Biblical Atonement I," em *The Sanctuary and the Atonement*, ed. A. V. Wallenkampf (Washington, D.C.: Review and Herald, 1981), pp. 87-114.

- [22]. Veja Ángel M. Rodríguez, “Transfer of Sin in Leviticus,” em *The Seventy Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, ed. Frank B. Holbrook (Washington, D.C.: Biblical Research Institute, 1986), pp. 169-197; A. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment* (Arkansas: Creation Enterprises International), pp. 167-196.
- [23]. Sobre isto, veja o excelente material preparado por Alberto Treiyer, “The Day of Atonement as Related to the Contamination and Purification of the Sanctuary,” *The Seventy Weeks*, pp. 198-247.
- [24]. Goldingay, p. 213; cf. M. Saebo, “Yôm,” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, ed. G. J. Botterweck and H. Ringgren (Grand Rapids: Eerdmans, 1990), vol. 6, p. 21; e Ernst Jenni, “Yôm Tag,” *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, vol. 1, col. 710. Veja especialmente S. J. Schwantes, “Ereb Boger of Daniel 8:14 Re-examined,” *Symposium on Daniel*, pp. 472-474.
- [25]. Veja Shea, “Unity of Daniel,” *Symposium on Daniel*, p. 197.
- [26]. Veja Shea, *Studies*, pp. 80-83. Estou em débito com ele no que segue.
- [27]. Jenni, col. 722, menciona o fato que “dia” é usado idiomáticamente para “ano” no Velho Testamento cerca de 876 vezes. Isto é apoiado por Saebo, p. 21.
- [28]. Veja Shea, *Studies*, pp. 89-93; e Brempong Owusu-Antwi, “An Investigation of the Chronology of Daniel 9:24-27” (*Ph.D. Diss., Andrews University*, 1993), pp. 140-146.
- [29]. Sobre as ligações entre Daniel 8 e 9, veja W. Shea, “The Relationship Between the Prophecies of Daniel 8 and Daniel 9,” em *The Sanctuary and the Atonement*, pp.228-250; G. Hasel, “Little Horn,” pp. 436-439; Jacques Doukhan, “The Seventy Weeks of Daniel 9: An Exegetical Study,” em *The Sanctuary and Atonement*, pp. 253-255.
- [30]. Isto foi sugerido por Shea, “Unity,” *The Sanctuary and Atonement*, pp. 238-240.
- [31]. Veja Shea, “Relationship,” *The Sanctuary and Atonement*, pp. 241-246.
- [32]. Sobre a interpretação das 70 semanas, veja Doukhan, “Seventy Weeks,” *The Sanctuary and Atonement*, pp. 251-276; e C. Mervyn Maxwell, *God Cares: The Message of Daniel* (Pacific Press, 1981), vol. 1, pp. 189-223.
- [33]. Para uma análise e discussão do significado e significância do plural “semanas” em Daniel, veja Shea, *Studies*, pp. 74-77; Gerhard F. Hasel, “The Hebrew Masculine Plural for ‘Weeks’ in the Expression ‘Seventy Weeks’ in Daniel 9:24,” *Andrews University Seminary Studies 31* (1993), pp. 105-118.
- [34]. Para um estudo da cronologia desta profecia, veja Shea, “The Prophecy of Daniel 9:24-27,” em *Seventy Weeks*, pp. 75-118.
- [35]. Sobre isto, veja Owusu-Antwi, *Investigation*, pp. 173.177. Para estudos recentes realizados por eruditos Adventistas sobre o início da data para as 70 semanas, veja Arthur Ferch, “Commencement Date for the Seventy Weeks Prophecy,” em *Seventy Weeks*, pp. 65-74; W. Shea, “When Did the Seventy Weeks of Daniel 9:24 Begin?” em *Symposium on Revelation*, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, Md.: Biblical Research Institute, 1992), vol. 1, pp. 375-394; Owusu-Antwi, “Investigation,” pp. 11-69; Ángel M. Rodríguez, “The 70 Weeks and 457 B.C.” (pode ser obtido através do Biblical Research Institute).
- [36]. Sobre o significado da doutrina do santuário e do juízo investigativo, veja William G. Johnsson, “What the Sanctuary Doctrine Means,” *Adventist Review*, 14 de maio de 1981, p. 13; 28 de maio de 1981, pp. 13,14; 11 de junho de 1981, pp. 11, 12; 25 de junho de 1981, p. 17; 9 de julho de 1981, pp. 13, 14; 23 de julho de 1981, pp. 14, 15; “Eschatology and the Church,” *Adventist Review*, 26 de novembro de 1981, p. 11; e W. Shea, “Theological Importance of the Pre Advent Judgment,” em *Seventy Weeks*, pp. 323-331.

Publicado pela Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia  
em cooperação com a *Adventist Review*, setembro de 1994.  
Copyright © General Conference of SDA 1994